

# *A Lenda de Bonki*

#### Povo Sámi – Sápmi (Noruega, Suécia, Finlândia e Russia)

Bonki pensou que ele poderia ser o último *noaidi*, o último xamã da tradição Sámi, embora na verdade ele tivesse esquecido muitas das tradições e rituais que ele tinha presenciado quando criança. Ele agora estava velho e a memória já não o ajudava mais quando ele queria. Além disso, preservar a memória dessas tradições ficou ainda mais difícil, porque todos os outros em sua tribo haviam sido convertidos ao cristianismo e não praticavam mais as crenças antigas. Quando foi a última vez que ele compareceu ao ritual do urso, tão celebrado em sua comunidade quando ele era criança?

Para o Povo Sámi, todos os animais eram sagrados. Porém, o mais sagrado de todos era o urso, que caçavam seguindo complexos rituais, confiando-se a *Lieaibolmmai,* o deus da caça, dos animais selvagens e dos homens adultos. Nessas raras ocasiões em que um urso era caçado, todas as pessoas - anciãos, homens e mulheres, meninos e meninas - participavam dos rituais. Isso tinha que ser feito de maneira específica e respeitosa, para garantir que o urso renasceria no outro mundo, em Sáiva, capaz de contar com orgulho aos seus ancestrais quanta honra havia recebido dos humanos em sua última luta.

Bonki lembrou como as mulheres recebiam os homens quando eles voltavam ao acampamento, carregando o cadáver do urso. Elas os viam chegar espiando através de um anel de latão, para se proteger das poderosas energias do espírito do urso, o *väki*, e borrifando os homens com seiva vermelha de amieiro, em homenagem a *Lieaibolmmai,* "o ancião". Lembrou-se de como sua mãe insistia, durante a festa, para que ele não quebrasse ou perdesse nenhum osso de urso, por menor que fosse. Ele seguia essas regras escrupulosamente, porque seu avô lhe disse que nem os ursos nem os humanos poderiam receber outro corpo em Sáiva a menos que seu esqueleto estivesse completo e intacto. Isso também garantia a subsequente reencarnação de ursos e pessoas na Terra.

Mas Bonki não tinha mais certeza se queria reencarnar. Embora os vivos e os mortos fossem duas metades da mesma família para os Sámis, ele não sentia mais nada que o ligasse a seus parentes vivos. Dentro de sua visão imaginária ele continuava a conversar com seus ancestrais em Sáiva, mas ele havia perdido todo o contato com seus parentes vivos, desde que o Cristianismo assumiu o controle da região e a caça aos *noaidis* começou. Muitos foram acusados ​​de praticar magia e feitiçaria e condenados à morte por resistirem à conversão ao Cristianismo e à autoridade do Rei, que decretou que todos deveriam ser convertidos. Bonki conseguiu evitá-los por anos, fugindo para as florestas mais profundas de Lemmenjoki, povoadas por lobos, e depois se refugiando na Ilhota de Bunkholmen, ao sul da Ilha de Årøya, no Fiorde Lyngen.

Quando o encontraram, a fúria sangrenta das perseguições havia passado, embora a repressão contra os "pagãos" continuasse. Ainda assim, eles o deixaram em paz. Que mal poderia ser feito por um velho solitário, isolado em uma pequena ilha, longe de ser capaz de influenciar as mentes de seus vizinhos com as crenças insanas de Satanás que ele tinha?

Um dia, um novo pároco chegou à aldeia de Karnes, no Fiorde de Lyngen. Ele era um jovem fervoroso que queria que todos obedecessem à lei que obrigava toda a população a assistir à missa dominical. Quando soube da existência do velho Bonki na ilhota de Bunkholmen, ele imediatamente enviou uma intimação para que ele comparecesse aos serviços religiosos de domingo.

É claro que Bonki fez ouvidos moucos aos mensageiros que o alcançaram em seu pequeno pedaço de terra. Mas ele estava muito velho para fugir de novas perseguições e de verdade, não queria mais fugir. Em vez disso, ele queria proclamar com orgulho as crenças e tradições de seus ancestrais, mesmo que isso lhe custasse a vida, como aconteceu com tantos *noaidis* antes dele.

O jovem pároco, além de seu próprio fanatismo, achou que seria bom mostrar a todos na região que um pagão não poderia desafiar e vencer as leis do Rei e da Igreja. Então ele chamou o xerife e exigiu que ele trouxesse Bonki à missa do domingo seguinte.

Quando o xerife aportou em sua ilha, Bonki desejou ter sido treinado como um *gonaga*, um *noaidi* do passado que era capaz de se transformar em um pássaro, para escapar do xerife.

Por três domingos consecutivos, Bonki foi levado a igreja. Cada vez que se recusava a entrar, era acorrentado ao pelourinho que ficava na praça do outro lado da porta da igreja e que servia de advertência aos criminosos. Cada vez, Bonki enfrentava a vergonha e o escárnio dos aldeões com o orgulho que tinha de ser o último *noaidi* de sua tribo. Não, eles não o fariam ceder; não conseguiriam fazê-lo renunciar ao legado sagrado que seus ancestrais lhe haviam transmitido: sua visão da realidade, da vida, dos seres e dos elementos que o cercavam, da Terra.

Na noite anterior, aquela que seria sua terceira humilhação na praça de Karnes, Bonki teve um sonho. *Ruohtta,* deus da doença e da morte, apareceu a ele pouco antes do amanhecer e disse-lhe que seu tempo na Terra estava chegando ao fim. Ele estaria partindo para Sáiva, e seria sábio fazer os preparativos para a ocasião, conforme prescrito por suas tradições.

No dia seguinte, quando o xerife desamarrou Bonki do pelourinho e lhe disse que no domingo seguinte ele voltaria para buscá-lo, Bonki respondeu:

‘Agora já frequentei a igreja o suficiente.’

O xerife o observou descendo para o cais, surpreso com a resposta ousada do velho.

Naquela mesma tarde, Bonki pediu conselhos a seus ancestrais sobre a visão que havia tido. A quem ele poderia recorrer em Karnes? Quem estaria disposto a realizar os antigos rituais e cerimônias funerárias do povo Sámi, que certamente provocaria a ira do paróco? E, de qualquer maneira, se ninguém mais acreditava nessas tradições, por que pedir a qualquer um deles para realizar um ritual vazio e sem fé em sua morte?

Mas então ele se lembrou - ou seus ancestrais o lembraram - que há alguns anos ele havia descoberto na ilha, sob uma rocha, o local sagrado de descanso de pelo menos dois ursos que haviam passado pelo antigo ritual Sami. Que melhor lugar para partir para Sáiva do que aquele onde os sagrados ursos descansaram, aquele de onde eles partiram para o mesmo mundo para o qual ele iria agora viajar? Os ursos certamente o acolheriam. Ele foi o último de sua raça que os reverenciou como mereciam ser reverenciados.

Assim, ele agora tinha o lugar sagrado e os melhores guias possíveis para sua jornada a Sáiva. Ele mesmo realizaria os rituais e a cerimônia fúnebre a caminho de seu túmulo.

Bonki pegou seu tambor cerimonial e o decorou com anéis e correntes de latão como um símbolo de pureza e para se proteger do *väki* dos ursos. Ele decorou sua humilde cabana com ramos de abeto, por dentro e por fora e depois foi para a caverna onde os ursos descansavam para preparar o lugar de seu último descanso.

Depois de realizar um breve ritual de apreciação e gratidão aos ursos ali enterrados, ele decorou a caverna com anéis entrelaçados de grama da Lapônia, assim como era feito nos galpões de madeira, onde as carcaças de urso eram ritualmente despedaçadas no passado. Então, ele fez uma cama de ramos tenros de bétula ao lado dos ossos dos animais sagrados. Ele colocou um par de esquis e uma faca Sámi à direita da cama, sabendo que iria precisar deles em Sáiva. Acima do local onde iria descansar a cabeça, ele colocou um cone de casca de bétula cheio de casca de amieiro. Ele pensava que, como os ursos dos rituais Sámi, não poderia contar com seus companheiros para enterrá-lo; então, por que não dar a si mesmo o ritual que foi dado aos ursos sagrados?

Na quinta-feira, três dias antes de o xerife vir buscá-lo novamente, *Ruohtta*, o deus da morte, veio a ele em um sonho para lhe dizer que o dia de sua morte havia chegado. Depois de tomar um banho ritual de purificação nas águas do fiorde, Bonki lavou-se com um sabão forte feito de cinza de bétula e depois borrifou seu corpo nu com seiva de amieiro vermelha. Mais tarde, ele pendurou cordões de anéis e correntes de latão em volta do corpo, na cabeça e no pescoço. Ele colocou seu chapéu de quatro pontas, a marca registrada do caçador de ursos e dos *noaidi*, proibido por anos como um símbolo pagão. Finalmente, ele se dirigiu ao túmulo, nu, mascando casca de amieiro e cantando sua própria canção fúnebre ao ritmo de seu tambor:

‘*I paha talkev ådtjo, I paha talkev faronis ...*’

‘Ele não terá mau tempo; ele não vai trazer mau tempo consigo ...

Ao chegar à caverna, prostrou-se diante dos ossos dos ursos, pedindo permissão para dormir ao lado deles. Ele deitou-se sobre o lado esquerdo na cama de gravetos de bétula, colocou seu tambor ritual no quadril e fechou os olhos, confiando-se a *Beaivi*, deusa do Sol e mãe da humanidade. Menos de uma hora depois, o velho corpo de Bonki jazia sem vida na caverna.

Adaptado por Grian A. Cutanda (2020)

Sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA. 

### Comentários

No verão de 1961, o arqueólogo Povl Simonsen, professor da Universidade de Tromsø, iniciou uma escavação na Ilhota Bunkholmen, ao sul da Ilha Årøya, no Fiorde Lyngen. Lá, em uma espécie de caverna sob uma grande rocha, ele encontrou o que parecia ser o esqueleto de um urso ao lado do esqueleto de um ser humano, que estava deitado sobre seu lado esquerdo. Exceto pelo crânio, o esqueleto humano estava completo.

O exame osteológico mostrou que havia restos de três ursos na caverna, datados do carbono 14 entre 650 e 780 desta era. Esses restos estão atualmente no Museu de Tromsø, embora o que aconteceu com os restos mortais do ser humano deitado com eles não seja conhecido.

Curiosamente, de acordo com o professor Povl Simonsen, existe uma lenda associada à ilhota Bunkholmen. De acordo com um trabalhador da área,

Bonki era um sami velho, que vivia sozinho em sua ilhota. Nessa época havia uma paróquia em Karnes (1730) e em frente à porta da igreja ficava o pelourinho. Naquela época, era obrigatório ir à igreja aos domingos. Bonki era um pagão e obviamente não frequentava a igreja. O padre o convidou várias vezes sem ajuda. Então o padre enviou o xerife, para levar Bonki à igreja no domingo, e o deixou no pelourinho. Isso foi repetido três domingos seguidos. Então Bonki disse ‘Agora já fui à igreja o suficiente’, e ele voltou para sua ilhota e as pessoas o deixaram sozinho. Algum tempo depois, Bonki sabia que logo morreria. Ninguém em Lyngen poderia ou iria enterrá-lo de acordo com os ritos de sua fé. Bonki então decorou sua própria sepultura e, ao sentir a morte se aproximando, deitou-se na sepultura e ali morreu e ficou deitado (Myrstad, 1996, pp. 34-35).

Sabemos, graças aos historiadores, que com a chegada do Cristianismo (igrejas Luterana e Ortodoxa) a Sápmi - antigamente chamada Lapônia - os pastores luteranos receberam a ordem de registrar a magia e idolatria do povo Sámi, sem perseguir os xamãs Sámi. No entanto, no século 17, chegou a hora de "queimar tambores ou escondê-los no chão" (Pentikäinen, 2015, p. 123). Também sabemos que, pouco antes da década de 1730, os ‘feiticeiros’ Sámi recebiam pena de morte.

Em 1726, a Noruega aboliu a pena de morte para 'feitiçaria' Sámi ', mas os Sámis eram submetidos a punições severas, especialmente por 'feitiçaria', 'superstição' e por não comparecer a um número mínimo de serviços religiosos. Muitos Sámi simplesmente escaparam das garras da Igreja mudando-se para regiões desertas (Holloway, 2015).

Portanto, parece que a Lenda de Bonki pode muito bem ser baseada em eventos reais.

Quanto às crenças Sámi - ou melhor, a ‘visão de mundo Sámi’ - sabemos que era profundamente animista e politeísta, baseada no xamanismo, como muitas culturas indígenas ancestrais. Em muitas dessas culturas no hemisfério norte, o urso era considerado o mensageiro arquetípico do mundo sobrenatural, representando uma divindade de alto escalão.

Alguns autores argumentam que, no plano psicológico, entre essas culturas de caçadores-coletores havia um certo sentimento de culpa associado ao fato de matar animais - ainda mais com um animal tão semelhante ao homem - daí a necessidade de cerimônias de apaziguamento do espírito desses seres, por medo de sua vingança (Bledsoe, 2008). Para os samis, o urso era o mediador entre os deuses e os humanos, pois acreditavam que a alma do urso podia se mover livremente entre este mundo e o outro, Sáiva.

Quanto à adaptação desta lenda, devemos dizer que tudo o que nela se afirma a respeito das crenças, objetos rituais e cerimônias realizadas por Bonki vai ao encontro do que se afirma em estudos acadêmicos sobre a cultura sami. Se algum guardião das tradições Sámi ou acadêmico especialista na cultura Sámi encontrar nesta adaptação algum detalhe que não corresponda à realidade ou conhecimento que esteja disponível sobre os Sámis, pedimos a você, por favor, que entre em contato conosco e nos informe, a fim de ajustar a Lenda de Bonki o mais próximo possível da realidade. Obrigado.

### Fontes

Bledsoe, B. (2008 Ene. 9). The Significance of the Bear Ritual Among the Sami and Other Northern Cultures. Sámi Culture (a blog from the University of Texas). Disponível em: http://www.laits.utexas.edu/sami/diehtu/siida/religion/bear.htm.

Holloway, A. (2015). The decline of the Sámi People’s indigenous religion. Sámi Culture (a blog from the University of Texas). Disponível em: https://www.laits.utexas.edu/sami/diehtu/siida/christian/decline. htm.

Myrstad, R. (1996). Bjørnegraver I Nord-Norge: Spor etter den samiske bjørnekulten. Universitetet I Tromsø, pp. 34-35.

Pentikäinen, J. (2015). The bear rituals among the Sámi. Em Comba, E. and Ormezzano, D. (eds.), Uomini e orsi: Morfologia del selvaggio [online] (pp. 123-145). Torino: Accademia University Press.

#### Associado ao texto da Carta da Terra

Princípio 12a: Eliminar a discriminação em todas suas formas, como as baseadas em raça, cor, gênero, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.

#### Outras passagens que esta história ilustra

Preâmbulo: Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnifica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum.

Princípio 8b: Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuam para a proteção ambiental e o bem-estar humano.

Princípio 12: Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

Princípio 12b: Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida.

O Caminho Adiante: Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa, e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca iminente e conjunta por verdade e sabedoria.

